

LITERATURA INFANTIL E O PRAZER DE LER CONTOS DE FADAS: Recortes da relação do livro e o conceito de criança

Raimunda Nonata dos Santos Ferreira ¹

Antonia Geane dos Santos Ferreira ²

Sebastiana Francisca Reis Martins ³

Aziel Alves de Arruda ⁴

RESUMO: A infância é uma das melhores fases da vida. Nela, são desfrutadas coisas e sensações que só acontecem nesse momento da vida: brincadeiras, brigas, colegas de infância, assim como as histórias, livros de todos os tipos, cheio de letras ou apenas com imagens. A infância e o conceito de criança passaram a ser entendidos como uma preocupação de estudos teóricos os séculos XVII e XVIII. A partir de então, começaram a surgir as primeiras obras literárias destinadas a este público, escritas e rescritas por autores de grande destaque, como Perrault, Andersen e os irmãos Grimm, essas histórias foram contadas e recontas em todo o mundo; no Brasil, autores como Monteiro Lobato, que criou as personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, uma mistura de vários personagens que retratavam a criança e o imaginário infantil brasileiros e Maurício de Souza, que criou a turma da Mônica, uma turma de crianças que aprontar bastante, mas que não deixam que a amizade se desfaça, foram os autores que mais se ocuparam do tema da Literatura Infantil. Este trabalho visa apresentar a visão do conceito de criança retratada por meio das literaturas, sendo interessante o resgate de obras de outros tempos, e sua história, e compará-las com as produzidas na atualidade, percebendo como elas se configuravam e quais eram as primeiras intenções com relação à criança de outros momentos históricos. Outro objetivo deste trabalho é observar como a Literatura Infantil de hoje concebe a visão de criança e destacar as mudanças ocorridas nas obras destinadas ao público infantil para que essas obras sejam aceitas pelo seu público. Para ilustrar este trabalho, foi realizada uma análise de duas obras literárias de Monteiro Lobato, O Pica-pau Amarelo v. 3, da editora Brasiliense, datada de 1973, e O Reino Colorida da Criança: imagem e som, provavelmente publicada na mesma época, assim como as adaptações realizadas na obra original e em versões atuais dessas obras. Os autores que baseiam esta pesquisa são Abramovich (2006), Bettelhein (2002), Xavier (2013), Brasil (1998; 2006) e Scharf (2000), além de outros autores que também discorrem sobre a temática. É notável que, as obras infantis se mostram de forma diferente para crianças dos séculos XVII e XVIII, se comparadas às crianças do século XXI. Apesar do meio onde essas obras circulam, cheio de aparatos tecnológicos, é notável que a literatura passou a ter outro lugar de destaque em relação a um outro momento da história da literatura infantil brasileira.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Percurso Histórico. Concepção de criança.

INTRODUÇÃO

A definição de criança que, se tem hoje, é completamente diferente de outros tempos, vista como um mini adulto, e que ainda se encontrava em desenvolvimento, um pouco mais lento que um adulto normal, em relação aos conhecimentos adquiridos, vista como uma folha em branco, tratada de forma não diferente, frequentava ambiente sem a menor distinção do

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII, raymunda.ferreiraa@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII, antoniajeane41@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus VII, sebastianarmartins1@gmail.com;

⁴ Professor Adjunto do curso de Pedagogia, Universidade Federal do Maranhão – UFMA, Campus Codó – azielalves@gmail.com.

adulto, está definição, com o passar do tempo e estudos aprofundados na área da educação como na psicologia, antropologia e mesmo na história, a criança, passa a ser, um sujeito social, histórico que está inserido em uma sociedade na qual compartilha de uma determinada cultura, e estando profundamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, mas, contudo, estar constantemente contribuindo com o meio social (BRASIL, 2006). Nesse sentido, “a criança, assim, não é uma abstração, mas um ser capaz de produzir e, assim sendo, produto da história e da cultura na sociedade onde ela se cresce” (FARIA, 1999).

Este trabalho objetiva, apresentar um recorte histórico sobre a infância e a educação de crianças por meio de histórias, como essa prática se desenvolveu ao longo do tempo, dos primeiros escritos para os escritos atuais, da literatura infantil, é interessante notar que as obras literárias surgem de antemão para o público adulto (se levamos em conta a estética que às obras apresentam, assim como seu enredo), e posteriormente feitas adaptações para o público infantil (mercado editorial), para discussão e realização do trabalho foram estudados autores que abordem sobre a temática de literatura infantil.

A visão de que a criança como ser que já nasce pronto, ou que nasce vazio e carente dos elementos entendidos como necessários à vida adulta ou, ainda, a criança como sujeito conhecedor, cujo desenvolvimento se dá por sua própria iniciativa e capacidade de ação, foram, durante muito tempo, concepções amplamente aceitas dentro do campo educacional, em especial dentro da visão que se tinha de educação infantil, até o surgimento das bases epistemológicas que fundamentam, atualmente, uma pedagogia para a infância (XAVIER, 2013). Os novos paradigmas englobam e transcendem a história, a antropologia, a sociologia e a própria psicologia resultando em uma perspectiva que define a criança como ser competente para interagir e produzir cultura no meio em que se encontra, um ser completo capaz de conhecer e se fazer conhecer, por meio de suas próprias criações, mesmo que pequenas, mais já cheia de significados (BRASIL, 2006).

A literatura na vida infantil, irá trata-se de interação com o social, um processo que se dá a partir e por meio de indivíduos, se realizando, também, mediante leituras, de modo histórico e culturalmente determinados, de agir, pensar e sentir, sendo inviável dissociar as dimensões cognitivas e afetivas dessas interações e os planos psíquico e fisiológico do desenvolvimento decorrente, sendo possível, por meio de comportamentos já pré-definidos, propositalmente mediante as literaturas. Nessa perspectiva, a interação social torna-se o espaço de constituição e desenvolvimento da consciência do ser humano desde que nasce, e a cada dia, é somente mais um espaço de construção do já é sabido, é continuando por meio do brincar, a reprodução e recriação da já realizada por meio da criança e para a criança (VYGOTSKI, apud

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

XAVIER 2003). É interessante, entender que o brincar nada mais é que, a reprodução da vivência da criança, é notável, durante as brincadeiras das crianças a reprodução e reconstrução de cenas tanto da vida adulta dos pais, ou de acontecidos com elas, serem realizadas como uma brincadeira, porém de forma mais fantasiosa, com preceitos aceitos de forma mais confortável a ela criança, as literaturas têm o poder de transporta a criança à fantasia e estimular o imaginário infantil.

A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTIL

Desde a sociedade antiga até a Idade Média a imagem que se tinha da criança era de um adulto em proporções menores, não existia uma percepção realista e sentimental sobre a infância, elas simplesmente não eram queridas muito menos odiadas, mas tratadas e educadas da mesma forma que adultos (SCHARF, 2000; FREIBERGER, 2010). Segundo Scharf (2000), o mundo da criança era o mesmo do adulto, elas trabalhavam e viviam com os adultos e testemunhavam nascimentos, doenças, mortes, participavam da vida pública, de festas, de guerras e de outros *acontecimentos*⁵, comuns a vida adulta, não havia uma preocupação com as capacidades e vontades própria da infância como os dias atuais (FREIBERGER, 2010).

Quando se refere a educação, não havia uma separação, da vida adulta e nem da vida infantil, sendo assim a aprendizagem de ambos, crianças e adultos se davam juntas, ou seja, “o espaço de aprendizagem do adulto era o espaço da vida infantil” da criança (SCHARF, 2000, p. 10), de certa forma, a criança era tratada com hostilidade, faltavam-lhe laços afetuosos, era pouco respeitada e a figura maternal não se fazia presente nos primeiros anos de vida, nesse sentido, pode-se entender que, a criança vista como um mini adulto, acreditava-se que ela devia se cuidar e ser capaz de aprender do mesmo modo de um adulto. Ainda de acordo com a autoras, alguns fatores contribuíram para que houvesse uma mudança na forma de cuidar das crianças.

No final da Idade Média sobressaem três fatores externos – o histórico, o político e o cultural – importantes para a mudança da mentalidade: “o primeiro, o espaço social até então regido pela comunidade, que passa a receber interferência do Estado e sua justiça; em segundo lugar, um aumento da alfabetização e a difusão da leitura; um terceiro fator seriam as novas formas de religião que se estabeleceram nos séculos XVI e XVII”. (ARIÈS, 1992 apud SCHARF, 2000, p. 10).

É interessante ressaltar nesse ponto que, a concepção de *infância* e de *criança* são deferentes, sendo que a primeira a uma etapa da fase da vida da pessoa, e a segunda refere-se a

⁵ Quando nos retomarmos a outros *acontecimentos*, é interessante lembrarmos que, no período de industrialização, as crianças trabalhavam nas fábricas, por ter mãos pequenas elas passam a ser bastantes uteis, assim também como na exploração do carvão e para o trabalho com na fabricação de tecidos de algodão.

um ser histórico, social e cultural. Quanto ao ser, que é a criança, passa a ser considerada de forma deferente, “tudo acontece entre a alta burguesia e os profissionais liberais, desenvolve-se um modelo familiar voltado para os filhos, onde a mãe passa a ser uma figura dominante na vida da criança” (SCHARF, 2000), vemos aqui, que houve uma mudança dentro do seio familiar, para depois, que houve uma forma de cuidar dos filhos, é primeiro construído um modelo de família, para que a criança passe a ocupar um lugar dentro deste modelo.

Segundo Lustig et al (2014) essa mudança dá-se também em dois momentos distintos, sendo o primeiro, no seio familiar dentre os séculos XVI e XVII, em que a criança é vista como um mero objeto de diversão, reduzindo-a a fonte de distração aos olhos dos adultos. O outro diz respeito ao final do século XVII, no contexto eclesiástico chamado de moralização, oposto ao primeiro, em que os pastores entendem que as crianças possam ser educadas de acordo com os conhecimentos religiosos.

Ainda de acordo com o autor, a igreja é contrária em conceber a criança como brinquedo encantador, e preocupa-se em disciplinar a criança dentro dos princípios morais associados aos cuidados de saúde e higiene (LUSTIG at al, 2014), sendo que, o século XVII foi um dos momentos de grande autoridade e estímulo dos protestantes, com uma organização fortemente patriarcal, viam a criança como um indivíduo que somente podia ser domado pela educação religiosa rígida⁶ (SCHARF, 2000). Nesse sentido, os primeiros escritos infantis foram produzidos especificamente com o intuito de educar e moralizar a criança, ao final do século XVII e durante o século XVIII, sendo eles produzidos por pessoas participantes da igreja, que veem a possibilidade de educar por meio de histórias, assim também por pedagogos e professores, com marcante intuito educativo, aproximando assim a instituição escolar e o gênero literário.

Ainda no século XVII a literatura dividiu espaço com o leitor infantil através dos contos de fadas. Essa produção literária aparece na França pelas mãos de Charles Perrault; ele recolhe narrativas populares e faz adaptações, dando a sua obra valores comportamentais da classe burguesa. No século XVIII ocorrem transformações significativas nas relações sociais: retira-se o homem do convívio da rua e das praças para um ambiente social mais restrito à família. Desta forma iniciou uma valorização da família e suas relações afetivas, separando a infância da idade adulta. Com o tempo a educação institucionaliza-se, substituindo aos poucos a aprendizagem transmitida pela experiência dos mais velhos. Surge um novo mercado de consumo, no qual aparecem os dicionários de higiene para a família, brinquedos e uma literatura específica para criança (SCHARF, 2000, p. 23).

⁶ É notavelmente lembrar que, os padres jesuítas, fizeram de igual modo com as crianças indígenas aqui no Brasil, no período de instalação do império Português (Brasil Colônia), foi por meio da catequese e do ensino do português, eles encontram uma forma de se aproxima dos *nativos*, por meio da *aculturação*.

A partir desse momento, a literatura passa a fazer parte do contexto destinado a infância, como relatado acima, a partir de um modelo predestinado primeiro para a família, a criança passar a ser vista de forma completamente diferente de épocas passadas, as estórias começam a ser ouvida primeiro no seio familiar, nas reuniões e encontros, e posteriormente, passando a uma popularização das mesmas, tanto da burguesia como das pessoas da massa, por meios de objetivos que as destinavam-se em especial para a educação, essas estórias passam a ser escritas, havendo várias outras apartações para que se tornem interessantes para a criança (SCHARF, 2000; FREIBERGER, 2010, XAVIER, 2013; LUSTIG at al, 2014).

Já os objetivos predestinados a moralização e a construção de uma conduta educada das crianças, Bettelhein (2002) diz:

Ao contrário do que diz o mito antigo, a sabedoria não irrompe integralmente desenvolvida como Atenas saindo da cabeça de Zeus; é construída por pequenos passos a partir do começo mais irracional. Apenas na idade adulta podemos obter uma compreensão inteligente do significado da própria existência neste mundo a partir da própria experiência nele vivida. Infelizmente, muitos pais querem que as mentes dos filhos funcionem como as suas como se uma compreensão madura sobre nós mesmos e o mundo, e nossas idéias sobre o significado da vida não tivessem que se desenvolver tão lentamente quanto nossos corpos e mentes (p. 3).

Entender como a literatura pode agir no desenvolver da criança, é também compreender o próprio tempo de agir da criança, espera que ela compreenda o outro antes dela mesma, é impossível, a criança dever ser levada a uma busca de sentido da vida, uma tarefa nem um pouco fácil. Diferente do adulto, a criança, se desenvolver por etapas, segundo Piaget, a criança se desenvolve de dentro para fora, ela conhece primeiro para depois reproduzir conhecimentos, interiorização do conhecimento. Já para Vygotski, ela aprende de fora para dentro, ela produz conhecimento mediante a socialização de ações do meio que convive, passando a se entender por meio do social. A literatura, agir de forma orientadora para a criança, primeiro ela se ver nas personagens da história, e a forma como ela se ver, irá fazer com que ela, passe a agir mediante o seu meio.

A criança à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto, torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode-se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa (BETTELHEIN, 2002).

Nesse sentido, é interessante entender que, as crianças expostas a uma gama ampliada de possibilidades interativas têm seu universo pessoal de significados ampliado, desde que se encontrem em contextos coletivos de qualidade. Essa afirmativa é considerada válida para todas

as crianças, independentemente de sua origem social, pertinência étnico-racial, credo político ou religioso, desde que nasçam. (BRASIL, 2006).

METODOLOGIA

Os passos metodológicos utilizados para realizar este trabalho foram, primeiramente uma pesquisa bibliográfica de autores que abordem sobre a temática. Consideramos ser interessante acrescentar as discussões uma pequena análise de um livro destina as crianças como literatura, e como essas histórias evoluíram com o tempo.

Ao considerarmos a leitura como ponto de partida em que a interação estabelecida entre a criança e o livro, ela pode se constitui essencial para o seu processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja no ambiente escolar ou fora dele ponderamos que a compreensão de como ocorre esta relação poderá auxiliar os professores e professoras a pensarem possíveis práticas que garantam o fortalecimento da relação entre a criança (sujeito) e o livro (objeto).

Entendemos que a literatura infantil se encontra presente quando um professor ou professora conta e/ou lê uma história e quando os livros de literatura infantil fazem parte do cotidiano das crianças; quando estes estão presentes na sala de aula e fazem deste ambiente um lugar para que as crianças gostem dos livros, entendendo-os, como um mundo de ideias interessantes (XAVIER, 2013).

A LITERATURA INFANTIL E A CRIANÇA

Em o **Reino colorida da criança**, possuem mais texto que imagens, o volume um reunir obras de contos de fadas dos autores Perrault, Andersen e os irmãos Grimm, entre outras estórias, que fazem parte do repertório popular, de pessoas que não frequentam ambiente da burguesia. É interessante notar que, as estórias que o volume traz, são textos grandes, com um começo, meio e fim. Falam de acontecimentos e fatos, que acontecem no cotidiano de pessoas, as estórias do povo para moralizar suas crianças, que foram escritas de forma capaz de encantar até os dias de hoje, podem servir como forma de exemplo de construir uma moralidade nas crianças atualmente, para que elas possam se enxegar dentro dessas histórias cheias de fantasia, assim como também é importante saber como seus pesquisadores a coletaram todas essas estórias, e a completaram com sua subjetividade.

Perrault, é um acadêmico francês, no entanto ele é autor de varias obras para o público adulto, os escritos do autoré uma recolhar de histórias do povo, mantendo sua crueldade, poética ou moral. Segundo Abramovich (2006), ele se tornou famoso pelo seu único volume infantil,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Contos da Mãe Gansa (1697), no entanto ele publicado no nome de seu filho Perrault d'Armancour.

Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram estudiosos, pesquisadores, que buscaram em 1800 por toda a Alemanha, também por meio das histórias do povo, material oral que foi transcrevido, de início não predendiam escrever para as crianças, somente no segundo volume (v. 1, 1812 – v. 2, 1815), é que houve uma preocupação com o estilo, usando seu material fantástico de forma sensível e conversando a ingenuidade popular, a fantasia e o poético ao escrever-lo (ABRAMOVICH, 2006).

Andersen, é do povo, seus contos surgem de suas propria infancia vivida, é considerado como *poeta da infância*, seus escritos são ricos e com histórias fantásticas, ele tanto escreve da sua propria infancia com também de outras a qual ele pode presenciar, suas histórias são capezes de adentra no mais profundo dos sentimentos, pela mais bela formas como elas são escritas, pois podem tornar quais quer palpavéis (ABRAMOVICH, 2006).

A obra, faz uma reunião das histórias dos autores, assim como lendas e provérbios de outras civilizações como árabe, africana, tanto que no primeiro volume, tem na capa um desenho de traços árabe, como roupas e a tonalidade da pele, cores claras e de traços finos, no segundo volume tem a representação de um casamento, retado de época, o casamento da irmã mais nova dos Cisnes Selvagens, em sua maioria é contos de fadas, com o final feliz, mais que não deixa de ter toda uma trama que a envolve. As narrativas são longas e cheias de detalhes, bem diferentes das adaptações que hoje conhecemos.

Livros O Reino Colorido da Criança



Figura 1. Capa dos livros volumes um e dois.

Os contos em sua maioria retratam um final feliz, mas as narrativas dos livros são cheias de detalhes do decorrer de todo um enredo, há um desenrola, uma mistura de outras figuras, o diálogo é pouco usado, tudo se passa por uma narrativa-descritiva. O segundo volume é mais interessante ainda, além de reunir outros contos e lendas, traz muito mais contos e provérbios africanos, é bom saber que já desta época já se tinha um conhecimento sobre a riqueza que a cultura africana pode ter, assim os desenhos representantes da cultura africana como vestimentas e as características da cor e rosto, mas não deixam de ser bem interessantes, e claro é uma forma de fazer com se construa uma certa moral, além de explicar certos acontecimentos os quais uma criança pode se perguntar: *por que o nosso cachorro dorme fora de casa, e nosso gato não?*, essa pergunta é respondida por meio de uma história com um enredo bem comprido, mais que no final constrói muito mais que a resposta a essa pergunta.

Segundo Faria (2006) os livros infantis possuem um esquema básico de narrativa, apresentam narrativas curtas, podendo ser consideradas contos. Nos dois volumes há histórias que são divididas em duas partes, como o conto *Os Cisnes Selvagens*, como os contos era contados mais para a hora de dormir, sua narrativa é longa e quase fatigante, se não fosse a trama por traz de cada história, que aguçar o interesse do ouvinte. Há historietas moralizantes que podemos ver até mesmo em alguns livros para crianças mesmo que estejam disfarçadas, são elas: o equilíbrio (ordem adulta da sociedade, com normas de comportamento), problema (rompimento destas normas), desenvolvimento (consequências do rompimento das normas) e desenlace (equilíbrio restabelecido/aceitação da norma ou castigo) (XAVIER, 2013, p. 13).

Texto e ilustração nos contos



Figura 2. Imagem A) o texto é longo, detalhado, e passasse quase duas páginas sem ilustração. Imagem B) em outras a ilustração ocupa uma página inteira, ou dividido em duas páginas (*Os cisnes Selvagens*).

Por mais que os contos trazem finais felizes, a criança precisa ter em seu repertório de literaturas, textos que a ajude a entender, a se própria e ao outros, a literatura não falar somente de felicidades, assim como Bettelheim (2002) em *Psicologia dos contos de fada*, o autor discute sobre o poder que essas leituras tem sobre a crianças no enfrentamentos de seus medos, Abramovich (2006), em sua obra *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*, escreve docemente sobre como as literatura abordam tais assuntos como coragem, aventuras, amor, compaixão, mais também de como elas podem ir além de finais felizes, passando pelo do medo, pela perda, a dor, a morte, a descoberta da sexualidade, a separação, a literatura é a melhor forma que a criança encontra para entender o mundo que a cerca. Assim, como confirmar a Abramovich,

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ótica, outra ética... É ficar sabendo História, Geografia, Filosofia, Sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos acham que tem cara de aula porque se tiver deixa de ser literatura (Abramovich, 2006. p. 17).

As ilustrações dos contos



Figura 3. Bela Adormecida de Perrault ilustração de Gustave Doré. Chapeuzinho Vermelho (Capinha vermelha) dos Irmãos Grimm (ilustração de Gustave Doré)

As adaptações para o cinema



Figura 4. Imagem de Filmes em animação do Wall Disney. Imagem a) A bela Adormecida animação; Imagem b) A bela e a Bela um musical do conto.

Releitura de histórias e adaptações



Figura 5. Elenco do Sítio do Pica-pau Amarelo do ano de 1977. Elenco do Sítio do Pica-pau Amarelo nos anos 2000.

A Literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar. Acidentalmente, secundariamente, ela pode fazer isso, pode conter história, filosofia, ciência, religião. O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformando esse material em estético (JOUVE, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cerne do debate não está em como ensinar as crianças da educação infantil a ler e escrever, mas sim em buscar um modelo pedagógico em que a multiplicidade de linguagens e de formas de expressão subjetivas e sociais possa ter seu lugar reconhecido. É por meio desse recorte que podemos perceber a evolução de ideias acerca da infância e da criança, e suas formas de educa-se por contação de histórias. O livro faz a criança estar na presença de outras pessoas

sem estar, o prazer de ler despertar nelas o desejo de aprender e conhecer. Mas ela pode igualmente estar sozinha com o livro e construir em sua imaginação todo um mundo real e fantasioso. O livro pode aumentar o relacionamento entre as pessoas, favorecer os encontros e pode, também, dar asas à imaginação, esse é o poder que a literatura possui na infância.

Assim podemos dizer que, nosso trabalho mostra ao longo dos anos o sucesso que se tem em ensinar por meio da contação de história. Nosso meio e fim é, a criança reconhecida como sujeito e a literatura com sua aliada para a aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução de CAETANO Arlene. 16 ed. PAZ E TERRA. 2002.

BRASIL. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**/Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF, 2006.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

FARIA, Ana Lucia Goulart. **Educação pré-escolar e cultura**. São Paulo: Cortez, 1999.

JOUBE, Vicent. Por que estudar literatura? Marcos Bagno: Marcos Marciolino, tradutores. São Paulo: Parábola, 2012.

LUSTIG, A. L.; CARLOS, R. B.; MENDES, R. P.; OLIVEIRA, M. I. **Criança e infância: contexto histórico social**. In: Iv Seminário de Grupos de Pesquisa Sobre Crianças e Infâncias - Ética e Diversidade na Pesquisa, Goiânia: Cegraf, 2014.

PONTES, Ciro. **O Reino colorido da Criança: Imagem e son**. v. 2. São Paulo – SP: Forma, 1973.

SCHARF, RosetenairFeijá. **A Escola E A Leitura: Prática Pedagógica da Leitura e Produção Textual**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Tubarão, 2000. 205 f.

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKI, L. S. **La psique, la consciencia, el inconsciente**. Obras Escogidas. Madri: Visor, 1991, tomo I, p. 95-110

VYGOTSKI, L. S. **Lezioni di Psicologia**. Roma: Editore Riuniti, 1986.

XAVIER, Jessica Andressa de Souza. **A criança e a literatura no âmbito da educação infantil** / Jessica Andressa de Souza Xavier. – Campinas, SP: [s.n.], 2013.